

IBM®

PENSE

conheça - explore - reflita

ED. 3 - 2014

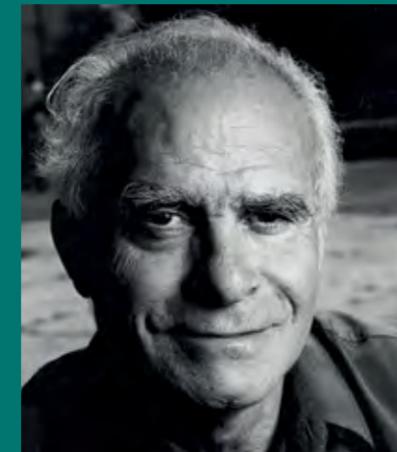


EU, CIDADÃO

você como peça essencial
para transformar o mundo

Ignácio de Loyola Brandão

“Viver de esperança torna as pessoas passivas. Para transformar a esperança em realidade, é preciso usar forças, mobilizar-se.”



Ignácio de Loyola Brandão, jornalista e escritor brasileiro, é autor de obras como *Zero*, *Não Verás País Nenhum* e *O Menino que Vendia Palavras*, vencedor do Prêmio Jabuti de melhor livro de ficção do ano de 2008.



A revista *Pense* foi projetada para que você possa refletir sobre o mundo atual em diversas plataformas. Baixe nosso aplicativo IBM Pense na App Store ou no Google Play, acesse a comunidade da revista no Connections, pelo link bit.ly/ibmpense, para compartilhar sua opinião com outros IBMistas, ou siga o nosso blog: <http://revistapense.wordpress.com>.

Insight

Uma empresa cidadã vai além

Rodrigo Kede
Presidente da IBM Brasil



Tornar uma empresa mais cidadã é um movimento diário para mostrar a nossa essência e o que podemos fazer além de nossas paredes internas. É um ganho para todos. Na IBM, temos o prazer de apostar nisso há muito tempo, muito tempo mesmo. Alguns dos pilares do que praticamos nos dias de hoje foram construídos há cem anos, no início de nossa trajetória, com a qual sempre nos identificamos.

E a tendência é de crescimento. A maioria das grandes corporações não vêm apenas mantendo sua presença nessas áreas, mas ampliando-a. Programas ligados ao meio ambiente, cultura e educação estão em plena atuação, ganhando cada ano mais espaço, mesmo em momentos de crise.

A estratégia adotada pela IBM, há anos, fez com que a área de Cidadania Corporativa ganhasse uma força duradoura para tratar de temas relevantes para a sociedade. Hoje, as iniciativas ligadas à cidadania são muitas – e de valor inestimável –, sempre apoiadas no que os serviços de tecnologia podem levar de melhor ao ser humano. Apostamos tanto na importância desse tema que o escolhemos para ser o assunto da terceira edição da Pense.

Para dar um exemplo prático de como a companhia atua, selecionamos algumas cidades com potencial de crescimento e onde a IBM pode colaborar com o desenvolvimento do ecossistema de negócios. Em seguida, equipes de funcionários qualificados executam consultorias gratuitas em instituições do terceiro setor daquelas regiões, trabalhando junto aos moradores, universidades e governo e sugerindo soluções para questões essenciais. Nos últimos anos, a IBM já enviou mais de 2.000 IBMistas para ações desse tipo, em cerca de 30 países.

Conquistar a reputação de uma empresa sólida e ciente de seu papel na sociedade significa ir além da venda de um bom produto a um bom preço. Ser um bom cidadão corporativo, hoje, é decisivo. A companhia torna-se um membro de sua comunidade e, além de fazer negócios de maneira produtiva e positiva, cria uma relação de lealdade com o cliente – e vai mais longe, com reflexos muito interessantes, como atrair e manter funcionários e melhorar a qualidade de vida nas áreas onde se fazem negócios. Negócios que, nesse cenário cidadão, só ficam mais e mais interessantes porque fazem a diferença para quem está em volta.

Abraço,
Rodrigo Kede

PENSE #03

conheça - explore - reflita



Em busca do bem maior

Para ganhar mercado e fazer sua marca ser conhecida positivamente, uma empresa deve oferecer um bom produto, com ótima qualidade e preço justo. Mas no mundo de hoje, a companhia precisa ir além disso: precisa ter a certeza de que seus fornecedores respeitam as leis e se pautam pela ética; precisa tratar seus funcionários com cuidado e atenção, provendo todas as ferramentas de que eles precisam para aperfeiçoarem o trabalho e a si mesmos; precisa observar e fazer parte da comunidade onde atua; e precisa investir nessa comunidade, gerando valor e riqueza não apenas no entorno, mas no mundo globalizado do qual todos fazemos parte. Essa é uma empresa cidadã.

É assim que a IBM atua. Para nós, cidadania não é assistencialismo. É conseguir fazer a real diferença na sociedade, fortalecendo as instituições e ajudando a melhorar a eficiência das organizações sem fins lucrativos, utilizando, para isso, a força da tecnologia e o conhecimento e disposição de seus mais de 400 mil funcionários. O restante de nós, como sociedade, pode muito bem retroalimentar essa cadeia de cidadania. E nem é preciso se engajar em grandes projetos ou promover mudanças radicais de vida. O dia a dia importa, e muito.

Os detalhes mais diminutos contam. Assim como uma grande empresa deve ser sustentável e usar recursos com o máximo de aproveitamento e sem desperdício, qualquer um de nós também precisa. Comprar de modo focado, doar objetos, sim, mas também tempo e conhecimento para quem necessita, abraçar a educação de um filho e de outras crianças. Fazer isso torna as pessoas mais cidadãs. E é possível se envolver mais, fazer mais, enxergar e trilhar caminhos que levam a uma vida mais comunitária. Nesta edição da revista Pense, vamos dar algumas ideias, mostrar exemplos, contar histórias de quem foi, fez e venceu como cidadão. Embarcar no trem da cidadania é uma excelente viagem. O ticket está em suas mãos.

Seja bem-vindo. Conheça, explore, reflita: pense!

Ilustração

Esta edição da revista traz Nathan Sawaya, um artista que projeta e desenvolve qualquer forma com peças de Lego. Sawaya tem mais de 2,5 milhões de tijolos coloridos em seus estúdios de arte de Nova York e Los Angeles.

Olhares

Esta edição contou com os pontos de vista de:



1. Cleide Mello

Funcionária da área de Global Financing, abraça inúmeros projetos de voluntariado ao redor do mundo.

2. Cecília Lotuffo

Mãe e fundadora do Projeto Boa Praça nos conta um pouco mais sobre este ato de cidadania.

3. Luiz Antônio Gaulia

Mestre em Comunicação Social pela PUC - Rio fala sobre a sustentabilidade como atributo de uma marca.

Errata

Diferentemente do que foi publicado na *Pense 1*, a foto da página 13 é do Jardim Botânico de Curitiba. A estufa, cartão-postal da cidade, abriga plantas típicas do Brasil e sua arquitetura, em estrutura metálica e estilo *art-nouveau*, e foi inspirada em um palácio de Londres no século XIX.



Ilustração de Capa

Para conhecer mais o trabalho do ilustrador, acesse <http://brickartist.com/>

EXPEDIENTE #03 ANO 3 - JANEIRO '14

www.ibm.com/br
pense@br.ibm.com

A revista *Pense* é uma publicação trimestral da IBM Brasil

IBM Brasil:

Presidente:
Rodrigo Kede

Diretor de Marketing e Comunicação:
Mauro Segura

Edição:
Flávia Apocalypse - flaviapo@br.ibm.com,
Camila Della Negra - camilalg@br.ibm.com
e Giulia De Marchi - giuliadm@br.ibm.com

Comunicação Invitro:

Publisher:
Bruno Chaves

Coordenação de Atendimento:
Carla Uyara

Atendimento:
Simone Siqueira Vargas

Editora e repórter:
Flavia Pegorin

Jornalista Responsável:
Flavia Pegorin MTB 30.896

Gerente de Operações:
Gabriella Bergamo

Projeto Editorial:
Comunicação Invitro

Projeto Gráfico:
Maysa Simão

Ilustrações:
Nathan Sawaya

Fotografia:
Fernando Gardinali e Felipe Varanda

Editora Digital:
Renata Kühn

Revisão:
Lis Silva Hall

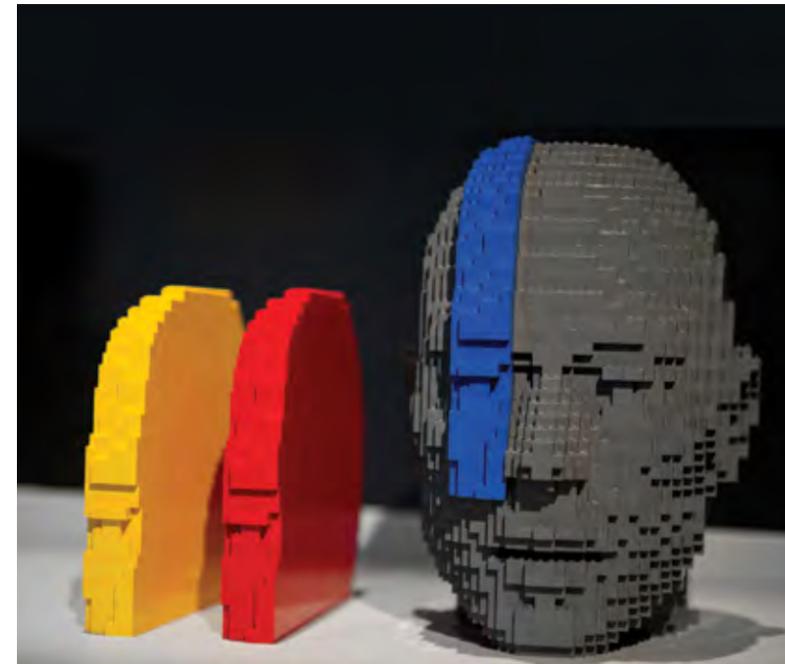
Gráfica:
Igil

Tiragem:
19.000 exemplares

Mantenha o planeta limpo

PENSE

conheça
explore
reflita



14 a 23



Capa

Uma melhor vida em sociedade depende de cada um de nós. A *Pense* te dá 15 ideias de como começar essa mudança.

26 Entrevista

Beatriz Cardoso fala sobre a união entre tecnologia e educação em prol da cidadania.



28 Memória

IBMistas voluntárias de longa data recordam como foi, depois da aposentadoria, abraçar novas atividades por uma causa maior.

4 Olhares

Veja quem colaborou nesta edição

6 Nossa Cara

Bruno Rondinella conta sobre o programa Services Grants e sua visão de cidadania

8 Horizontes

Cleide Mello descreve sua ida à África pela IBM e recorda uma vida de voluntariado

24 Artigo

Uma reflexão sobre a responsabilidade sustentável no ambiente corporativo moderno.

26 Bastidores

A trajetória da IBM contada do ponto de vista das (muitas) conquistas sociais da companhia

36 Top 5

Conheça projetos sociais que merecem atenção – e criam excelentes formas de ajudar a sociedade

38 Techmob

Aplicativos bem sacados que ajudam na fiscalização dos problemas mais comuns das grandes cidades

40 Ponto final

Cecília Lotuffo, fundadora do Movimento Boa Praça, propõe que as crianças sejam envolvidas na busca do bem estar coletivo



Nome:

Bruno Rondinella

Profissão:

Administrador de empresas

Cargo:

Gerente de Projetos de Cidadania Corporativa

Local:

IBM Hortolândia (SP)

Projeto:

Diversos projetos em Cidadania Corporativa, sendo o principal o Services Grants

Algumas vocações levam anos para se manifestar. Não foi esse o caso de Bruno Rondinella, gerente de projetos em Hortolândia. Já na faculdade, Bruno descobriu que os temas de aula ligados ao social e às questões públicas eram sua área favorita. Das cadeiras da escola (e da pós-graduação no assunto) para o setor de Cidadania Corporativa da IBM, foi um pulo. Atualmente está à frente do Services Grants, projeto que aloca IBMistas para prestar consultoria para ONGs em temas como gestão de projetos, marketing, comunicação, redes sociais, entre outros.

“O principal objetivo do nosso trabalho no programa é encontrar pessoas dentro da empresa que tenham conhecimento, habilidade e vontade de trabalhar junto com nossos parceiros do terceiro setor, associações, entidades, governo, para melhorar seus projetos sociais. E, para mim, não é simplesmente um trabalho, é realização”.

Pai da pequenina Luana, Bruno une no dia a dia o que é útil e agradável – literalmente. “Optei pela Cidadania Corporativa porque me desenvolvo como profissional e, ao mesmo tempo, posso trabalhar com meu lado mais humano, e também o lado humano de colegas e clientes”, conta ele. A cabeça boa para negócios não se desconecta do que é bom para o planeta, seja em casa ou no trabalho: preocupado como cidadão, Rondinella instalou painéis solares em sua casa para otimizar o consumo de energia limpa.

O mundo melhor que Bruno cria todos os dias só tende a crescer – e ficar melhor para Luana e quem mais vier.

O CHAMADO DO VOLUNTARIADO

A paulista Cleide conta como a vocação e o acaso transformaram sua vida para que ela pudesse transformar a vida dos outros pelo trabalho voluntário.

Texto e fotos Cleide Mello
Retrato Felipe Varanda

Vocês sabem o que significa *serendipity*? A primeira vez que ouvi essa palavra foi quando era professora de inglês e encontrei uma lição sobre o assunto. Aliás, aqui vou manter o termo em inglês, pois o neologismo em português soa mais estranho ainda: *serendipidade* define-se como “a característica de se descobrir, por acidente, algo bom ou valioso enquanto se tenta descobrir outra coisa”.

A palavra eu não conhecia, mas, o conceito, descobri há muito tempo - meu primeiro contato com trabalho voluntário foi em 1987, ao levar minha mãe para assistir a uma palestra sobre voluntariado. A intenção era de que ela, que já estava aposentada e andava meio triste, fizesse a inscrição no programa e se sentisse ativa novamente.

Olhem só que *serendipity*: a palestra foi tão interessante e comovedora que acabei me tornando voluntária antes mesmo da

minha mãe. Trabalhei por vários anos na extinta unidade da FEBEM para crianças de 0 a 6 anos – montando brinquedos educativos e utilizando, já naquela época, materiais recicláveis. Incrível como quanta coisa útil e bonita pode ser feita com o “lixo”. E é impossível esquecer os sorrisos e os olhinhos brilhando quando entregávamos os brinquedinhos para as crianças. Até hoje guardo a apostila com carinho.

A unidade fechou, mas minha paixão pelo voluntariado continuou. Trabalhei por quatro anos no CVV, Centro de Valorização da Vida, uma atividade que me ajudou a ouvir o mundo com muito mais atenção. Depois, quando fui morar em Londres por um ano, fui voluntária em uma *charity shop* do Imperial Cancer Research Fund. Fazia a triagem de pilhas e mais pilhas de doações que custeavam as pesquisas científicas para cura do câncer. ►



De volta ao Brasil, em paralelo ao meu trabalho de professora, voluntariei por mais quatro anos no IPC, ONG que faz estudos e pesquisas sobre a consciência. Foi lá que conheci um IBMista, o qual me sugeriu enviar currículo para a IBM. Outra *serendipity*, pois, através do trabalho voluntário, consegui emprego na maior empresa de TI do mundo. Com esse novo desafio pela frente, pensei que não poderia voluntariar por algum tempo, mas o que encontro na minha gaveta logo no primeiro dia de trabalho? Um folder da BRG-Afrodescendentes da IBM (BRGs são Business Resource Groups, grupos de funcionários dedicados a promover a integração de minorias) oferecendo oportunidades de voluntariado. Assim, pude dar continuidade à minha paixão: ajudei a desenvolver vários projetos em parceria com uma ONG de Inclusão Digital para jovens de comunidades carentes. A grande vantagem é que, na IBM, minhas horas de trabalho voluntário passaram a ser potencializadas com o aporte financeiro às instituições através do programa On Demand Community.

No ano seguinte, houve a celebração do Centenário da IBM. E qual foi o foco? Sim, trabalho voluntário! Trabalhei com tanto empenho e satisfação que os projetos educacionais com os quais colaborei, junto com centenas de voluntários engajadíssimos, ganharam prêmios significativos (Impact, Runner Up e Community Grants) e, de alguma maneira, contribuíram para mudar a realidade das instituições envolvidas (CDI, Escola Municipal João Saldanha, Escola Municipal Francisco Alves e Instituto Gamboa).



Com a equipe de CSC e outros parceiros, Cleide Mello (na foto de baixo, na extrema direita) teve a oportunidade de conhecer e trabalhar com pessoas de diversas partes do mundo



Cleide já aplicou em ONGs do Rio de Janeiro o mesmo curso de gerenciamento de projetos levado aos jovens do English Club no Senegal – em uma delas, o Solar Meninos de Luz, um grupo de IBMistas (foto acima) prestou serviços voluntários em comemoração aos dez anos de IGF

Ainda estávamos comemorando os resultados quando recebi outro presente de valor inestimável. Com pouco mais de dois anos de IBM, fui selecionada para o Corporate Service Corps (CSC) no Senegal. O programa destina IBMistas a regiões em desenvolvimento em todo o mundo para aprimorar sua capacidade de liderança enquanto trabalham para solucionar problemas de comunidades e instituições sem fins lucrativos. A princípio, “tremi na base”, pois não conhecia o país, o idioma, o time de trabalho e, muito menos, a missão, que era ensinar Gerenciamento de Projetos (GP) a professores de uma escola pública para que pudessem replicar os conhecimentos a seus alunos. Zona de (des)conforto total, pensei... Mas, como aprender e compartilhar são meus hobbies favoritos, lá fui eu à África.

Confesso que nunca estudei e aprendi tanto em tão pouco tempo. Por meio de conceitos básicos em gerenciamento, os alunos conseguiram desenvolver seus próprios projetos, sendo que um deles foi uma festa emocionante para o time do CSC. Um aluno ficou tão motivado que me disse que seu sonho era se tornar PMP, um profissional em Gerenciamento de Projetos. ▶



Veja mais fotos das experiências de Cleide no aplicativo da Pense para tablet

Enfim, não há espaço neste texto para descrever a intensidade da minha experiência em terras africanas, mas um fato resume tudo: acabei sendo convidada a ser madrinha de um garotinho senegalês lindo e inteligente, o que me fez religar definitivamente meus laços com a *mamma* África. *Serendipity*...

Retornando ao Brasil, recebi uma *newsletter* com uma matéria que me tocou profundamente. Era a história de um americano que dedica sua vida a transmitir seu conhecimento em Gerenciamento de Projetos e está conseguindo mudar o rumo da vida de jovens de comunidades pobres na África do Sul. Escrevi, então, para a instituição, o PMIEF, perguntando se havia alguma entidade no Rio que estivesse desenvol-

vendo algum projeto similar. Adivinhem só? No meio de centenas de ONGs, a que iria desenvolver um projeto-piloto em GP era justamente o CDI, a ONG de inclusão digital na qual colaboro há anos. No mesmo e-mail, informaram-me sobre bolsas de estudo para cursos preparatórios para certificações em GP. Enviei imediatamente àquele meu aluno do Senegal e, sim, ele ganhou uma bolsa que pode mudar seu futuro.

Então, pensei que seria importante acompanhá-lo nos estudos, mesmo à distância, e, vale um doce para quem adivinhar... sim, consegui meu certificado PMP. Conquista incrível para alguém que, há um ano, nunca tinha ouvido falar em PMBOK nem havia percebido que o trabalho voluntário de uma vida toda

fora baseado em projetos. Obviamente me tornei também voluntária do PMI - Project Management Institute.

A partir dessa certificação, me motivei ainda mais e voltei para a sala de aula. Estou cursando pós-graduação em Gerenciamento de Projetos para o terceiro setor – para entender melhor esse segmento e desenvolver projetos de forma mais profissional e personalizada.

Por conta de tudo isso, estou com minha agenda paralela bem recheada de atividades. Como sou funcionária regular da IBM, isso só é possível tendo colegas munidos de tanta compreensão e flexibilidade – e que entendem que esses projetos são tão importantes para mim e para outras pessoas.



Das crianças (na foto, um grupo de meninas senegalesas) aos idosos: a convivência com a diversidade permitiu a Cleide Mello compreender melhor a África atual



A voluntária Cleide (na foto maior, à direita) é movida pela felicidade de poder ensinar, contribuir e motivar professores e alunos mundo afora – e vê-los praticar mudanças em suas vidas



Cleide Melo, que escreveu esse texto, é paulista e mora no Rio de Janeiro, onde atua em IBM Global Financing – além de, claro, participar de vários projetos voluntários dentro e fora da empresa.

Mas, aqui, vale lembrar: para quem acha que eu não faço mais nada a não ser estudar e trabalhar, aviso que tenho, sim, muitas outras paixões. Cinema, caminhadas e rodas de samba (para me preparar para o desfile no carnaval) são algumas. O detalhe é que, enquanto dançamos, eu e meus amigos aproveitamos para contribuir com a campanha da IBM, recolhendo lacres das latinhas de alumínio para doar a instituições que as transformam em cadeiras de rodas. A paixão por notar as necessidades de outros nunca dorme.

É que, quando algumas pessoas estranham o fato de os voluntários trabalharem tanto e “de graça”, me pergunto: quanto vale alguém dizer que voltou a estudar inglês porque assistiu à minha palestra? Quanto valem as novas amizades com pessoas maravilhosas que conheci unicamente por causa do trabalho voluntário? Quanto vale a certificação PMP que consegui como consequência do CSC? Quanto vale escutar a música *Make yourself at home* (“Sinta-se em casa”), composta por alunos africanos em homenagem ao grupo da IBM que lá esteve? Quanto vale o sorriso do meu afilhado senegalês? Será que existe pagamento maior? Uma vez ouvi, em uma entrevista de José Junior, coordenador da ONG Afroreggae, o seguinte: “Mudando a vida dos outros, você muda a sua própria”. Com a palavra *serendipity* em mente, eu acrescento: surpreendentemente para melhor, bem melhor. **E**

Capa



Por Flávia Pegorin
Imagens Nathan Sawaya

A 15 PASSOS DE UM MUNDO MELHOR

Diariamente nos deparamos com situações que nos levam a pensar que o homem está cada vez mais individualista e que o futuro da vida em sociedade é incerto. Mas não é para tanto – e não é assim tão difícil viver bem com o próximo. Nas páginas seguintes damos algumas sugestões para, com pequenos gestos, tornar esse sonho de muitos uma realidade

É muita ousadia nossa querer reescrever a língua portuguesa, mas a versão dos dicionários para a palavra “cidadão” anda um pouco defasada. Tudo bem que, a rigor, “cidadão” é apenas, como se diz, “o habitante de uma cidade” ou “aquele que possui direitos civis”. Hoje, porém, ser cidadão é muito mais que isso. O conceito se ampliou e ganhou contornos que poucos imaginariam décadas atrás. Muitas empresas, atualmente, aprenderam a ser cidadãs e, hoje, sabem que isso não apenas melhora uma comunidade, mas também rende negócios, forma profissionais mais qualificados e gera um ambiente favorável ao desenvolvimento do mercado e da sociedade como um todo.

O termo “cidadão” nasceu na Grécia Antiga, como referência à pessoa que morava em uma das cidades em formação – mas só os homens, que tivessem mais de 21 anos, fossem nascidos em Atenas e também filhos de atenienses. Um grupo bem restrito, portanto. No início do século XX, com a Revolução Industrial e o espaço ganho pela força de trabalho operário, direitos e deveres entraram em cena: o cidadão que apenas “morava” passou a “atuar”. Entretanto, foi apenas na década de 50, especialmente em países desenvolvidos que se recuperavam da Segunda Guerra Mundial, que o cidadão encontrou-se de fato com a cidadania. Ou seja: aquele que já atuava nas decisões de seu núcleo familiar entendeu que tinha uma missão maior do que os muros de sua casa ou de sua empresa.

“As companhias, nessa época, baseadas em países como os Estados Unidos, passaram a mudar seu modo de ver os negócios”, diz Alcely Strutz Barroso, executiva de Cidadania Corporativa da IBM Brasil. “A decisão de estreitar suas obrigações com a sociedade entrou em uma crescente e foi nos anos 80, no Brasil, que esse tipo de iniciativa deixou de ser algo vago, uma coisa apenas de pessoas ‘alternativas’, para se tornar parte efetiva das estratégias empresariais.”

O professor da USP e historiador Jaime Pinsky, autor de diversos livros sobre o assunto, como *História da Cidadania*, diz que o conceito e a prática da cidadania vêm se transformando nos últimos 300 anos em decorrência das lutas sociais travadas pelos mais variados grupos em todas as partes do mundo, com suas exigências de maior participação na política e de ampliação de direitos. Pinsky aponta que “a questão da expansão da cidadania na história mundial sempre esteve muito relacionada à superação de preconceitos e de hábitos tradicionais de pensamento por parte de grupos de decisão das sociedades”. A evolução da cidadania não descansa enquanto os seres humanos não descansarem. “Historicamente, as discussões sempre estiveram centradas em conceituar a cidadania, mas agora o interesse é ver como esta cidadania é vivenciada e como se podem ampliar as possibilidades de seu exercício”, completa o professor.

Mas qual a vantagem real disso tudo? O que uma empresa ou uma pessoa ganha, ali, no dia a dia, sendo cidadã no mundo de hoje? Existe um resultado efetivo? Na realidade, o resultado não poderia ser mais concreto. Se a busca da cidadania envolve dar direitos às pessoas, educação, saúde, voz política e ferramentas para um melhor convívio, o aumento dessa onda só traz benefícios para todos. Em vez de lutar sozinho pela própria felicidade, o ser humano passa a assegurar condições melhores de vida a partir do bem-estar de todos. É uma postura que pode começar com um “bom dia” para o vizinho e pode chegar à criação de negócios sustentáveis no futuro.

Ser cidadão é, portanto, buscar o equilíbrio da sociedade. E fazer parte disso é uma questão de saber como se envolver com o tema, porque a maioria de nós já o faz, só precisa abraçar ainda mais a vida em comunidade. Se você ainda tinha dúvidas sobre como dar um passo à frente, depois de ler as páginas seguintes da *Pense*, você não terá mais desculpa. Veja, a seguir, exemplos de ações pequenas e grandes que qualquer um pode adotar a fim de se tornar não um cidadão apenas no dicionário, mas um cidadão de hoje.

1. COMECE COM AS PEQUENAS COISAS

Estar ligado nos detalhes do cotidiano é o primeiro passo para a cidadania. Às vezes, a sociedade brasileira demonstra se importar com questões sérias, como a educação de qualidade ou um sistema de saúde mais eficiente. Ao mesmo tempo, parte dessa mesma sociedade acaba se traindo ao oferecer propina para o agente de trânsito, ao estacionar na vaga destinada a deficientes “só por um minutinho” ou passar no caixa de dez volumes do supermercado com uma montanha de produtos. Ética e cidadania andam de mãos dadas – e praticar e incentivar o comportamento social positivo e as boas ações é um exercício diário. No México, o publicitário Nicko Nogués criou um projeto que acabou, felizmente, propagando-se pelo mundo. Nicko se baseou em pesquisas que mostravam que um hábito novo leva 21 dias para ser adquirido por completo. Sabendo disso, ele se “autopropôs” fazer uma coisa boa por dia durante esse período, desde doar sangue e doar um dia de salário para os necessitados até cozinhar uma refeição para alguém além dele mesmo. Registrando tudo em seu site (21diasdebondad.tumblr.com), ele conquistou a atenção de mais de 60 mil adeptos ao fim do desafio. Pequenas ações também podem render grandes resultados.

2. INICIE A VIAGEM NA PORTA DE CASA

Desde os primórdios, os seres humanos querem estar em movimento. Viajar alimenta a curiosidade, é divertido e liberta a mente. E o melhor de tudo é que se dispõe a conhecer outras culturas, modos de levar a vida ou mesmo outras religiões não depende de um passaporte: basta sair pelo bairro ou pela cidade em busca de novos lugares. Bons exemplos podem estar logo ali, na esquina. Especialistas dizem que nossos cérebros e pensamentos são limitados quando ficam em um único lugar, mas expandem quando exploramos novas fronteiras, já que precisamos “reprogramar” a cabeça para diferentes situações, idiomas e costumes. A socióloga portuguesa Noemi Marujo, pesquisadora do tema, diz que “viajar permite a comparação entre culturas, coopera para o fortalecimento da identidade e é um meio de difusão de novas práticas sociais, contribuindo para o sentimento de cidadania ao voltar para casa”. Fazer turismo pode remodelar sua perspectiva de mundo, até mesmo mudar o curso de sua vida. Mesmo um turismo próximo de casa e que não pede muito investimento financeiro – apenas uma grande vontade de abrir a mente.

3. MERGULHE NA “WEBCIDADANIA”

Hoje em dia, o tal “ativismo de sofá” é bastante criticado. No entanto, a verdade é que a internet é, sim, uma arma poderosa para ajudar a melhorar o mundo. O site www.webcidadania.com.br, por exemplo, dá bons caminhos para começar. Envolver-se com abaixo-assinados virtuais também costuma dar resultados práticos. Um caso típico aconteceu em Balneário Camboriú, Santa Catarina. A estudante Charline Carelli, 23 anos, ficou chocada quando soube de um projeto de lei de um vereador que propunha limitar o uso de bicicletas a apenas algumas ruas da cidade, para que não houvesse acidentes com os carros. Usuária de bicicleta, Charline iniciou um abaixo-assinado on-line para protestar contra a medida e, em poucas semanas, a petição já detinha quase 10 mil assinaturas (fazendo o vereador voltar atrás e anunciar que apenas limitaria o uso das bicicletas em praças e calçadas, o que já é previsto em lei). Outra forma de ajudar vem da tecnologia – doar a capacidade de processamento quando os computadores não estão sendo utilizados, por exemplo. Desde a sua criação, em 2004, o World Community Grid (www.worldcommunitygrid.org), mantido pela IBM, tem fornecido o equivalente a mais de 750.000 anos de computação sem nenhum custo para parceiros beneficiados (como cientistas e pesquisadores). Com um software instalado nas máquinas (e também *smartphones* e *tablets*, mais recentemente), mais de 2,3 milhões de computadores usados por cerca de 600 mil pessoas e instituições, em 80 países, têm contribuído para isso. Até 2013, pelo menos 22 pesquisas científicas estavam em execução ou foram concluídas com a ajuda dessa doação de capacidade. Uma boa forma de ajudar a partir do computador, do sofá ou de qualquer outro lugar. Baixe o programa e participe!

4. CRIE UM LAÇO COM O VERDE

Há quem diga que não leva jeito com as plantas – e que é capaz de matar até cactos em questão de semanas. Mas a verdade é que se lançar em um “re-lacionamento verde” pode ser menos complicado do que se imagina e tende a mudar a perspectiva sobre viver em grandes cidades. Mesmo morando em um sisudo prédio de apartamentos, é possível abraçar aquele jardim esquecido e fazer ali uma floreira ou uma horta que vá encantar e unir os vizinhos. Há quem descubra aí, inclusive, um novo caminho profissional. Em Nova Iorque, um grupo de amigos começou, em 2008, com a ideia de criar uma horta. A ideia cresceu – literalmente – e a horta cultivada em um antigo armazém no bairro do Brooklyn é hoje uma estufa hidropônica de 2 mil metros, empreendimento batizado de Gotham Greens. Os sócios, Viraj Puri, Eric Haley e Jennifer Nelkin, três jovens com bom paladar para comida e vontade de trabalhar com iniciativas ecológicas, dizem-se orgulhosos em fornecer vegetais de qualidade e a bons preços para restaurantes, quitandas e até para a rede de supermercados orgânicos Whole Foods. E mais, como estão perto do mercado consumidor, seus produtos não viajam longas distâncias, portanto causam menos impacto ambiental do que alimentos que vêm de longe. Então, é começar com um vasinho de temperos e ver até onde a onda verde pode levar você.



5. DOE TUDO O QUE VOCÊ SABE

A questão crucial é: como achar tempo para me envolver com iniciativas cidadãs? A boa notícia é que as coisas hoje estão bem evoluídas e, com o crescimento do terceiro setor e das organizações que apoiam causas sociais, encontrar um espaço para oferecer apoio é muito mais fácil. Existem entidades de todos os tipos precisando de tudo o que puder ser oferecido. Quem tem boa vontade pode descobrir as novas formas de “se doar” que começam a surgir. Oferecer conhecimento é uma delas: designers profissionais podem ajudar fazendo o site de uma ONG ou especialistas em finanças podem se debruçar sobre o caixa de uma entidade e melhorar o uso do dinheiro.

Muitas empresas podem ajudar a organizar essa chamada “doação de *expertise*” – iniciativa na qual a IBM acredita e investe há quatro anos, sendo pioneira em modelos mais modernos de doação. O projeto Services Grants é exatamente isso: por meio dele, a companhia seleciona e aloca IBMistas para realizar consultorias em organizações que precisam ganhar eficiência. Elas são ouvidas, as necessidades são identificadas e personalizadas.

Esses clientes costumam reportar verdadeiras transformações em suas áreas de atuação, enquanto os funcionários escolhidos se sentem recompensados por poderem transmitir seu conhecimento e, assim, ajudar a transformar a realidade de alguém.





6. VISTA O CRACHÃ DE CIDADÃO

Não requer tanta habilidade, só bastante prática para tornar a vida profissional também mais cidadã. As dicas são muitas: leve uma caneca de casa para evitar o uso de descartáveis, por exemplo. Estacione corretamente, sem bloquear duas vagas – ou, até melhor, deixe o carro em casa e combine caronas com os colegas. Use menos papel (já é tempo de acabar com aquele velho hábito de mandar um monte de arquivos para a impressora).

Tenha ideias, crie métodos e ofereça-os à gerência para evitar desperdício de tempo e recursos. Crie um ambiente positivo no setor. Afinal, se hoje passamos oito ou mais horas no ambiente de trabalho, talvez seja a melhor oportunidade de fazer esse tempo render também melhorias para a sociedade. José Machado Sarri, gerente de soluções técnicas da IBM, pode atestar isso. Desde 1999, Sarri é um craque da cidadania. Já ministrou aulas para a inclusão digital de crianças carentes, já fez doações de tempo e dinheiro como poucas pessoas. No escritório, criou uma campanha entre os colegas para arrecadar livros para instituições – e, por meio dos programas de cidadania da empresa, juntou horas e horas de trabalho social e teve como retorno verbas que ajudaram idosos de uma entidade a contar com um laboratório para aprender informática, por exemplo. Na ONG Vidas, onde ele é atuante (se tornou até padrinho), Sarri tanto mobilizou a empresa e outros IBMistas através do programa de voluntariado On Demand Community que US\$ 10 mil foram angariados para ajudar. “Com esse valor, podemos contratar fisioterapeutas e outros profissionais para atender as crianças deficientes”. O escritório pode ser um celeiro de boas práticas comunitárias.

7. PASSE BONS VALORES A UMA CRIANÇA – OU VÁRIAS

Filhos, sobrinhos, netos e seus coleguinhas: todos são pequenas esponjas prontas para absorver conhecimento. Repasse, então, os bons costumes, levando as crianças a espaços públicos onde possam vivenciar a diversidade, estar próximas ao verde, aprender a dividir brinquedos. Ensine brincadeiras que não necessitem de objetos e desestimele o consumismo. Além disso, compareça às reuniões de pais na escola. Isso é essencial para as crianças e as famílias criarem uma sensação de pertencimento ao grupo escolar. Se tiver tempo e disposição para doar, envolva-se com entidades que cuidam da educação de menores carentes, como o Projeto Uerê, no Rio de Janeiro, (www.projetoure.org.br), uma escola-modelo para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade com bloqueios cognitivos e emocionais. Sejam seus filhos ou não, quando ensinamos valores aos pequeninos, estamos investindo no futuro do planeta.

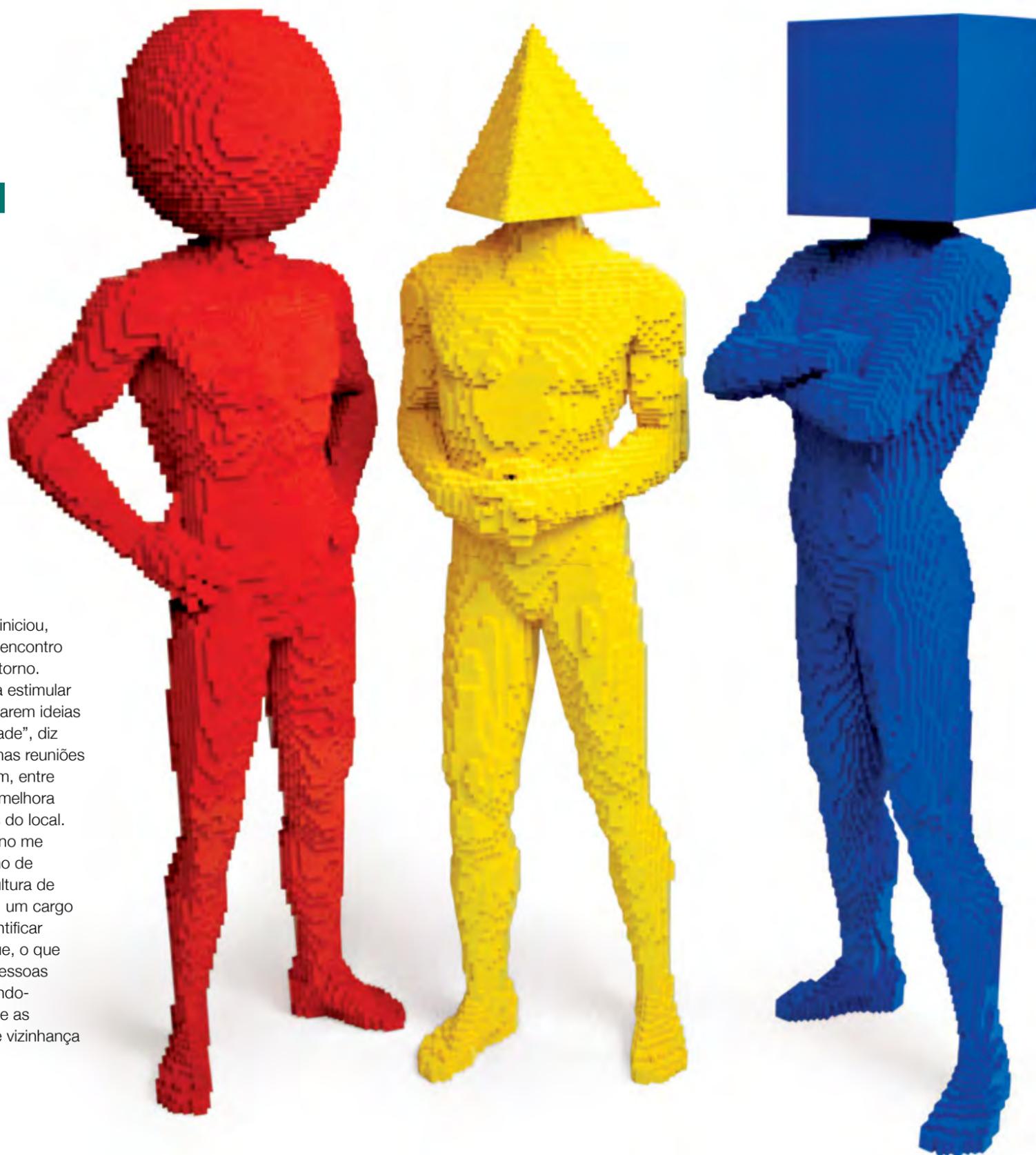


8. DEIXE O CARRO NA GARAGEM

É certo que o transporte público no Brasil, em especial nas grandes cidades, ainda é defasado em qualidade e não abrange a malha de grandes capitais do mundo (mesmo as que são bem menores que Rio de Janeiro ou São Paulo). Ainda assim, a população que utiliza o transporte coletivo dá uma lição de cidadania. O urbanista alemão e professor visitante da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, Martin Gegner, em artigo recente, aponta que a relação dos brasileiros com os automóveis é curiosa. “As pessoas usam o carro como segurança, como uma armadura de aço e um símbolo de status que os mantêm acima dos demais.” Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, Colômbia, em uma palestra em Florianópolis, acrescentou ainda que, em seu país, tudo mudou quando a capital ofereceu aos cidadãos os corredores de ônibus. “O transporte público era visto como um serviço para as classes mais baixas, mas as melhorias fizeram crescer seu uso e, assim, a malha evoluiu muito.” Que tal, então, guardar o carro e conhecer as rotas de ônibus, trens e metrô? Mesmo que seja por alguns dias na semana – ou mesmo nos fins de semana, quando a maioria das linhas está ainda tranquila. Ajude, dessa forma, a diminuir o impacto do trânsito e da poluição.

9. APRESENTE-SE AOS VIZINHOS

Convenhamos: as pessoas mais próximas de nós não são a família ou os amigos, mas os vizinhos de porta ou parede. Trocadilhos à parte, em uma emergência, essas são as pessoas que poderão ajudar você primeiro. Então, que tal, ao chegar à nova casa, apresentar-se aos vizinhos? Ou mandar um pedaço de bolo ou uma flor ao recém-chegado? A paulistana Fernanda Salles decidiu se embrenhar na “política da boa vizinhança”: conhecendo bem os problemas de seu bairro – Pinheiros, na capital paulista – ela iniciou, em uma rede social, um grupo de encontro com pessoas que moravam no entorno. “Fundi o grupo no *Facebook* para estimular as pessoas a se conhecerem, trocarem ideias e formarem mesmo uma comunidade”, diz Fernanda. A notícia correu e algumas reuniões já aconteceram, cujas pautas foram, entre outras, a segurança na região e a melhora do calçamento de paralelepípedos do local. “Com o apoio dos vizinhos, este ano me candidatei a uma vaga no Conselho de Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz da Subprefeitura de Pinheiros, um cargo não remunerado para ajudar a identificar melhorias na região. Fiz isso porque, o que eu gostaria de verdade é que as pessoas estivessem mais na rua, aproximando-se umas das outras, principalmente as crianças”, diz ela. O sentimento de vizinhança é decisivo para a cidadania.



10. COMPRE CONSCIENTE

Na era digital, fica mais fácil conseguir informações sobre quem produz – e como produz – aquilo que consumimos. Leia rótulos, pesquise empresas e busque notícias sobre o que você consome, certificando-se de que aquele bem foi fabricado respeitando a natureza, economizando recursos e matéria-prima, preservando comunidades e não explorando a força de trabalho. Na outra ponta do processo, há quem faça não apenas o trabalho de barrar um fornecedor “duvidoso”, mas de selecionar aqueles que prestam serviços sociais e agregam valor aos trabalhos. A associação Integrare, por exemplo (entidade que a IBM ajudou a fundar em 1999 e da qual ainda participa como membro da diretoria), cria mecanismos para que empresas de grande porte abram seus processos de compras e concorrência a fornecedores que tenham em seus quadros uma maioria de pessoas com deficiência, afrodescendentes e descendentes indígenas. A própria IBM tem padrões definidos sobre a forma de fazer negócios, que vão desde a responsabilidade social, corporativa e ambiental até a ética de trabalho. “Esperamos o mesmo compromisso dos nossos fornecedores e, para termos essa garantia, estabelecemos Princípios de Conduta e um Sistema de Gestão Socioambiental, que definem os padrões para a condução dos negócios”, diz Celso Mandel, gerente de Compras na IBM Brasil. “Nosso Programa de Diversidade também garante a participação de grupos de minoria, como empresas fornecedoras, criando oportunidades em geração de novos postos de trabalho, construindo riquezas e influenciando na cadeia de suprimentos”, finaliza Mandel.

11. APROXIME-SE DA POLÍTICA

O fato de se tratar de um assunto espinhoso não deve ser motivo para você se manter longe das questões políticas. Aliás, o melhor mesmo é não focar no macro, mas no micro: participe das reuniões de conselhos do bairro ou da cidade, conheça os representantes que a população escolheu e cobre deles respostas. Justamente para isso, nasceram duas iniciativas vitais para quem concorda que “parar de reclamar e se informar” é a melhor política. O movimento Voto Consciente é um projeto que explica como funciona o trabalho dos políticos, oferece cursos para quem quer entender melhor os processos e acompanha o desempenho dos eleitos. Sua página na internet – www.votoconsciente.org.br – é de consulta essencial. Na mesma linha, a capital paulista conta com o projeto Adote um Vereador, idealizado pelo jornalista Milton Jung, que incentiva a população a conhecer, avaliar e participar das atividades de seus representantes.

12. REDUZA, REUTILIZE, RECYCLE

Se pensarmos bem, “jogar o lixo fora” nem existe. Não existe “fora”; o lixo, aquilo que não presta mais para uso imediato, só vai para outro lugar. Por isso, a meta da população deveria ser a de “lixo zero”, reduzindo o consumo para apenas o que é essencial, dando novos destinos a certos itens e reciclando o que já foi utilizado. Proponha-se o desafio de observar, por duas ou três semanas, a quantidade de lixo que você produz e encontre formas de diminuí-lo. Carlos Silva Filho, diretor executivo da Abrelpe, Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais, diz que o tema do lixo encontra alguns entraves para evoluir, inclusive por não ser, ainda, uma questão vista como prioridade pública. “Notamos que muitos municípios não dispõem de pessoal qualificado e existem casos em que realmente ainda há um desconhecimento das obrigações da lei quanto ao descarte”, diz. Mas a entidade concorda que, mesmo com a demora de um sistema mais moderno, o lixo doméstico, tendo a atenção de cada cidadão, pode ter um destino mais apropriado. Com a reciclagem, é a mesma coisa: com o devido cuidado, até materiais pequeninos contam. Lucia Acetta, gerente de operações da IBM no Rio de Janeiro, é uma das pessoas que atentam para essas minúcias. Inspirada por iniciativas de outros colegas, ela passou a juntar lacres de latas de alumínio que, derretidos por uma empresa parceira e vendidos, geram dinheiro para a compra de cadeiras de rodas para pessoas carentes. O projeto, que mobiliza IBMistas em São Paulo, no Rio e em Belo Horizonte, é uma joia nas mãos de Lucia – em um ano e meio de coleta, já resultou em 13 cadeiras adquiridas e doadas aos necessitados. “O trabalho de mobilização das pessoas é que alcançou esse expressivo resultado. Vale a pena todo o esforço de recolher e armazenar milhares de lacres para um destino tão nobre”, diz Lucia.

13. SEJA MAIS “BAIRRISTA”

Apoiar os empreendedores que apostam no comércio local, com pequenas lojas e restaurantes, cria riqueza naquela área, torna a vizinhança mais atraente e, muitas vezes, economiza o dinheiro do estacionamento. Além disso, conhecer os comerciantes da região, principalmente a pé, é saudável e promove a construção de relações de confiança e segurança. Com os produtores rurais, é a mesma coisa. Dados do Idec, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, mostram que 70% da comida que serve a mesa dos brasileiros vêm de propriedades que praticam a agricultura familiar. E quer saber? Quando se fala em produtos orgânicos, tão na moda para aqueles que prezam a boa alimentação, o instituto revela que os hipermercados chegam a cobrar 450% a mais que as feiras de produtores orgânicos.

14. PASSE A SACOLINHA

É possível fazer um jantar com os amigos e arrecadar dinheiro para um projeto de embelezamento do bairro. É possível conversar com os colegas de trabalho e fazer uma doação anual a uma entidade carente. As ideias são muitas, e arrecadar dinheiro vivo para o uso de alguma atividade social é uma forma quase imediata de ajudar. Aliás, uma vez tomada a iniciativa, é possível se surpreender com a quantidade de gente que gosta de ajudar. Hoje é comum encontrar projetos de *crowdfunding*, quando pessoas se unem para viabilizar, com dinheiro, um objetivo comum. A área social já começa a colher frutos por meio dessa iniciativa também. No Brasil, duas plataformas de financiamento coletivo já estão funcionando a pleno vapor – e podem ajudar quem quer... ajudar! A Benfeitoria (www.benfeitoria.com) é focada em iniciativas sociais e já tornou realidade 52 projetos com mais de R\$ 1 milhão em doações (um deles foi o documentário *O Renascimento do Parto*, que conta sobre partos que acontecem em casa). Outra plataforma similar é o Juntos.com.vc (www.juntos.com.vc), que unifica ideias de diversas ONGs e de empreendedores da área social e, até recentemente, já havia apoiado e concluído mais de 20 projetos.



15. CONTENHA O DESPERDÍCIO

Pesquise se é viável para sua casa ter placas de energia solar, invista nas pilhas recarregáveis, adquira eletrodomésticos mais econômicos. Muitas novidades tecnológicas parecem caras e fora de alcance a princípio, mas evoluíram demais e já cabem no bolso, trazendo vantagens em longo prazo. O engenheiro Ricardo Baitelo, coordenador da campanha de energias renováveis do Greenpeace e Doutor em Planejamento Energético pela USP, explica que a simples troca da iluminação com lâmpadas incandescentes pelas fluorescentes pode economizar até 80% do que se gasta de eletricidade. Aliás, a redução de incandescente para fluorescente é de 80%, e destas para a lâmpada de LED, mais moderna, é novamente 80%. “A energia solar também é algo possível de se usar em qualquer residência, especialmente em regiões com mais sol, como no Nordeste do Brasil, onde se recupera mais rapidamente o investido em um sistema fotovoltaico. Um sistema residencial, que custa entre 10 e 15 mil reais, tem seu investimento recuperado em seis a dez anos, mas vai funcionar entre 25 e 30 anos”, diz. Sistemas de reúso de água e captação de chuva também já começam a surgir no mercado, assim como aquecedores solares, que dispensam o chuveiro elétrico e podem reduzir a conta de luz em mais de 30%. “Há, ainda, medidores inteligentes que indicam o consumo de aparelhos específicos, ajudando a educar o consumidor sobre quais utensílios estão usando mais energia”, completa Baitelo.

PENSE: A realidade é que somos mais cidadãos do que parecemos e do que pensamos – a questão é aprimorar isso sempre que possível e fazer um pouco todos os dias, em pequenos detalhes ou grandes atitudes. Quando a cidadania se tornar um hábito diário e coletivo, o mundo será bem melhor.

Artigo
Capa

Crença, propósito e comprometimento

A sustentabilidade de uma marca é a sua singularidade

Por Luiz Antônio Gaulia

As marcas são um ativo valioso das empresas. Marcas carregam uma simbologia que representa atributos de valor, identidade, estilos de vida, modelos de pensamento e atitudes. Mesmo as marcas de produtos considerados commodities podem ser percebidas de maneira diferenciada. O cimento, por exemplo, já teve o atributo “conforto” valorizado de forma única por uma grande companhia francesa e sua história já foi contada não pelo preço e o peso da embalagem, mas pelo seu processo de produção que buscava ser cada vez menos ambientalmente agressivo.

Uma grande empresa de alimentos do Brasil, de origem japonesa, cujo produto era literalmente engolido pelos consumidores, percebeu durante um seminário sobre comunicação interna que a sua marca era comida e essa percepção trouxe outro significado para seus empregados. O respeito e o cuidado dessa marca-alimento tornaram-se muito mais nítidos nos discursos, gerando maior engajamento nas rotinas de produção. O sal, contido nos produtos, passou a ser visto como item prejudicial à saúde e, assim, já se procura sua redução na fórmula e no preparo dos produtos.

Outra grande indústria, de cosméticos, capitalizou valor ao definir como atributo de marca e pensamento estratégico da gestão o cuidado com a rede de relações e o sentido da beleza como um bem estar pessoal, no convívio com outras pessoas e também com o ambiente. Já uma mineradora global optou por ter foco na segurança e no respeito à vida como valor inegociável e atributo desejado. Ou seja, é possível perceber que a singularidade de cada marca e seu jeito de buscar a sustentabilidade acabam necessariamente se entrelaçando. E nesse processo ganha valor a marca que souber contar a sua história e seu conhecimento sobre a sustentabilidade pretendida e adquirida de forma única.

Lembro-me da história de um banco que mostrou pela primeira vez a forma como

eram cobrados os juros em seus relatórios de sustentabilidade e lembro também como uma empresa de roupas norte-americana estampou anúncios publicitários que diziam para o consumidor não comprar o produto, caso não fosse uma escolha baseada numa real necessidade e não num impulso momentâneo.

Nem sempre todas as dimensões da sustentabilidade podem estar mapeadas ou consideradas nas estratégias das marcas, seja por imaturidade organizacional, por falta de recursos para cobrir cada tema material do negócio ou mesmo por resistência cultural dos colaboradores. Mas isso não compromete os avanços realizados e o passo a passo para educar a organização sobre a temática dentro de um tempo necessário de aprendizagem e de mudança do modelo mental. Se ao menos uma parte, ao menos um tema relevante está sendo considerado e trabalhado em prol da sustentabilidade, é preciso dar o devido crédito, apoiar o processo em curso para não comprometer todo o trabalho de construção de valor sustentável no longo prazo.

Em postagens no seu blog, uma agência de comunicação inglesa, cuja expertise se destaca na comunicação para a sustentabilidade, questionava a importância das marcas num mundo que busca o tal desenvolvimento sustentável. Se as marcas estimulam o consumo de objetos que acabarão cedo ou tarde no lixo, descartados por sua obsolescência programada ou por seu consumo completo, as marcas são responsáveis pela sua insustentabilidade. Contudo, no mesmo texto, também podíamos concluir que eram as marcas os faróis de influência para novos comportamentos e as criadoras de tendências, novas atitudes, ideais, vocação e provocação a respeito de opções de escolha, de compra, de negócios e de conhecimento compartilhado. Oportuna contradição, valiosa observação.

Cada marca só se destaca através da sua história, da sua genética singular. Os produtos podem ser similares, os preços aproximadamente iguais, o público-alvo

idêntico, mas a proposta de valor sustentável vai fazer a diferença pois estará baseada numa cultura. E cultura é o que faz uma marca ter vida, ganhar espaço, compradores, admiradores. Culturas burocratizadas, repetidoras de processos externos e comunicações pasteurizadas pelos apelos de um marketing tradicional, tendem a perder a sua alma, o essencial característico do seu jeito de pensar, sentir e de agir.

Pensando nisso, ser singular é ser sustentável, sendo também inovador, inédito e original. Nas construção de uma trajetória de longo prazo, de vínculos de confiança com múltiplos interlocutores e do mérito de entusiasmar a equipe de colaboradores para acreditar e fazer a sustentabilidade da marca acontecer de verdade. Não por mando e desmando, mas por crença, propósito e comprometimento.



Colaborou:

Luiz Antônio Gaulia é jornalista e mestre em Comunicação Social pela PUC - Rio. Especialista em Comunicação Empresarial pela Syracuse University, nos Estados Unidos, foi gerente de comunicação da CSN - Cia. Siderúrgica Nacional e da Alumorte. Atuou também no O Boticário e no Grupo Votorantim. Atualmente é gerente de comunicação corporativa e sustentabilidade da Estácio Participações.



Imagem de divulgação

“A ESCOLA DEVE TER UMA PERSPECTIVA COMUNITÁRIA”

A Doutora em Educação Beatriz Cardoso fala sobre como professores, estudantes e computadores podem, juntos, contribuir para a cidadania

Beatriz Cardoso viveu cercada pela política, sim, mas muito mais pela busca do conhecimento e do bem-estar social. Filha do sociólogo e ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e da antropóloga Ruth Cardoso, Beatriz seguiu carreira como educadora – até se tornar Doutora no assunto pela Universidade de São Paulo e, hoje, diretora executiva do Laboratório de

Educação. A entidade é destinada, entre outras coisas, a organizar e promover parcerias educativas entre organizações, criar metodologias de ensino, elaborar conteúdo pedagógico. A *Pense* conversou com ela sobre como a cidadania pode ser conduzida pela educação e pela tecnologia – conceitos que, cada vez mais, unem-se para ser a chave de um futuro promissor.

PENSE: Na sua opinião, qual é o papel da educação na cidadania?

Beatriz Cardoso: Sem dúvida, a formação do cidadão é resultado de múltiplas influências e a escola tem um papel preponderante. Ela amplia a experiência privada e individual para o espaço público. Nos primeiros anos, o aluno pode aprender muito sobre

convivência, respeito, ética, direitos e deveres. Mesmo que esses não sejam conteúdos tratados explicitamente, são ensinados implicitamente nas práticas em sala de aula. Portanto, a maneira como eles são abordados na escola é o que, de fato, pode contribuir com a formação dos cidadãos.

PENSE: A tecnologia pode transformar a educação?

BC: Ela é um grande recurso que, atualmente, é indissociável da maioria das atividades. inclusive no processo educacional. No entanto, sozinha, não será a panaceia para os problemas que temos. É um meio extraordinário, mas que exige investimento no desenvolvimento de *know-how* educacional.

PENSE: No futuro, essa relação tende a se estreitar?

BC: Certamente, em todos os campos – e na educação não será diferente.

PENSE: O uso de *tablets* e computadores é uma boa forma de estimular o ensino?

BC: A educação sempre se beneficiou de ferramentas externas: a ardósia, a lousa, a televisão, o projetor, o computador. Trata-se de uma evolução e não de uma revolução. A incorporação de tecnologia faz a diferença quando está a serviço da atuação dos professores. Não é a distribuição de equipamentos que fará a diferença, mas a conexão entre eles e um projeto pedagógico mais amplo. A tecnologia, quando se restringe apenas à distribuição de equipamentos, pode, inclusive, comprometer a qualidade do trabalho pedagógico. Os *tablets* e computadores devem colaborar para ampliar as possibilidades de aprendizagem e não apenas para substituir o caderno ou o livro.

PENSE: Se o incentivo ao conhecimento acontecesse de modo mais multidisciplinar, o sentimento de cidadania cresceria junto?

BC: A escola deve dar lugar tanto ao aprofundamento e ao conhecimento específico quanto à conexão entre os campos de conhecimento. Certamente, encontrar um equilíbrio entre aprendizagem de conteúdos específicos e multidisciplinares, ou entre áreas exatas e humanas, é um desafio. Mas, para além desse equilíbrio curricular, é preciso investir na qualificação dos professores, para que estejam aptos a transitar pelas diferentes áreas de conhecimento, conectando-as à realidade. Entretanto, mesmo que sejamos capazes de avançar nesse sentido, não significará, necessariamente, que estaremos favorecendo a formação do cidadão. Para impactar nesse campo, é preciso estabelecer conexões explícitas durante os processos de ensino e aprendizado. Um indivíduo mais educado tem mais chances de ser um cidadão mais responsável, mas não podemos supor que essa é uma relação automática.

PENSE: Uma parceria recente entre a IBM e a Secretaria de Educação de Nova Iorque gerou a criação da P-TECH (Pathways in Technology Early College High School). O conceito é de uma escola que abrace os estudos de ensino médio e superior e inicie os jovens em uma carreira na área de tecnologia. O projeto também prevê que a escola se torne um centro para a comunidade, unindo a rotina escolar com o dia a dia da vizinhança. O que você acha da ação? A educação tradicional tende a se modificar com o mundo moderno?

BC: O P-TECH é um projeto muito especial. Essa escola é um grande exemplo de que a competência técnica

do corpo docente, e especialmente a da direção da escola, aliada à utilização de recursos tecnológicos, cria as condições necessárias para que os alunos tenham um desenvolvimento completo e de qualidade. A escola deve sempre ter uma perspectiva comunitária e estar a serviço do local e do global, concomitantemente. O processo educacional deve, na medida do possível, abrir perspectivas de vinculação dos alunos com sua comunidade de origem e, ao mesmo tempo, promover a autonomia para que possam ir além dela e se reinventar. Mesmo que num ritmo menos acelerado do que o do mundo em que está inserida, a escola, necessariamente, tem que acompanhar as mudanças. Essa é a tendência natural.

PENSE: Como as escolas poderiam incentivar mais a criançada e os adolescentes a se sentirem parte de uma comunidade, a trabalharem em conjunto e em prol de um mundo melhor, mais justo e interessante para todos?

BC: Na medida em que as escolas sejam capazes de promover aprendizagens consistentes e significativas, os alunos estarão sendo preparados para uma atuação mais ativa na sociedade e na comunidade. Se olharmos para os países que oferecem maior qualidade educacional, identificamos que há uma estreita relação entre o nível educacional do cidadão e uma maior participação social. Portanto, o primeiro investimento a se fazer é fortalecer os sistemas públicos de ensino, criando as condições necessárias para que cumpram seu papel. Associado a isso, é necessário investimento em conhecimento, de forma a oferecer mais insumos para o dia a dia educacional, assim como um suporte para que os professores possam incorporar estratégias mais interativas em sala de aula. **P**

Leia no seu tablet e conheça a Khan Academy, que vem utilizando a tecnologia para reinventar a educação.



Da esquerda para a direita, Anna, Ângela e Norma: depois da aposentadoria, ajudar ao próximo se tornou um prazeroso trabalho



UNIDAS, REFAZENDO

Três IBMistas voluntárias de longa data relembram suas trajetórias como especialistas em ajudar ao próximo e, ao mesmo tempo, crescer como pessoas

Por Flávia Pegorin
Fotos Felipe Varanda



No aplicativo da Pense, assista ao vídeo sobre o Instituto Refazer e conheça um pouco mais sobre seu trabalho voluntário.

Sede do Instituto Refazer, no Rio de Janeiro, onde famílias de crianças com doenças graves recebem apoio para reerguerem a vida



Em alguns dias da semana – ou, algumas vezes, em vários dias da semana –, Norma, Anna e Ângela se dirigem ao mesmo ponto da cidade do Rio de Janeiro. Não é a praia, nem o shopping, muito menos as atrações turísticas que elas já conhecem bem. As antigas funcionárias da IBM, hoje aposentadas, têm como destino o Instituto Refazer. Poderiam estar curtindo o merecido recesso depois de anos de serviço, mas preferem fazer algo melhor: doar-se.

Há mais de uma década, elas são voluntárias no Refazer. A entidade, nascida em 1995, tem como meta auxiliar famílias de baixa renda, cujas crianças com doenças graves ou crônicas são encaminhadas para o Instituto Fernandes Figueira, hospital de referência em tratamento materno-infantil. O grupo de voluntários do Instituto Refazer apoia a criança e o adolescente após o início dos tratamentos, encontrando meios para melhorar sua qualidade de vida, assim como a das famílias.

No caso das IBMistas, elas também registram suas horas de trabalho no programa On Demand Community – que, depois, se convertem em doações em dinheiro ou equipamento pela empresa, gerando uma ajuda financeira a mais.

O Refazer consegue prover material hospitalar, remédios, alimentos e, principalmente, aposta na capacitação profissional para que as famílias possam se reerguer e manter a criança assistida. Além disso, oferece visitas de profissionais para avaliar as casas dessas famílias e, por meio do Projeto Tijolo, recuperar moradias que não tenham condições seguras e saudáveis para o pequeno em tratamento.

Dentro do Instituto, as voluntárias se dividem entre as muitas tarefas a serem realizadas, famílias a serem atendidas e tantas outras obrigações. Bom, não tão “obrigações” assim: o que elas fazem, fica nítido, é por amor. “Não acredito que uma pessoa tenha que encarar o voluntariado como uma atividade que traz orgulho, mas como um prazer”, diz Anna Berezowska Zalcman, 67 anos, já uma veterana no Refazer. Há dez anos, decidiu se aventurar no Instituto, levada por outra colega de IBM, Norma Ieda Caetano (que está no Refazer há mais tempo ainda).

Anna diz que começou “entendendo como a

instituição funcionava”, passando por diversos setores, até para compreender onde poderia se encaixar melhor. Ela mesma diz que parece ser um traço pessoal – já que, quando trabalhava na IBM, passou pelo mesmo processo de mudar muitas vezes de departamento para conhecer bem cada um. Então, há seis anos, quando o Refazer criou o projeto de capacitação e geração de renda para as famílias assistidas, Anna se achou. O trabalho se torna cada vez mais gratificante – e ela conta que são muitos os casos de pais e mães que conseguem avançar em cursos educacionais e se tornar profissionais mais habilitados para o mercado e, assim, cuidar melhor de suas crianças.

“Não acredito que uma pessoa tenha que encarar o voluntariado como uma atividade que traz orgulho, mas como um prazer”

Anna Berezowska Zalcman

A voluntária se recorda de uma mulher que ficou em evidência no Instituto (a ponto de sair em seu relatório interno). Alessandra da Silva, mãe de Kayky, de 9 anos, chegou ao Refazer demonstrando um grande desejo de voltar a estudar. Com o apoio que recebeu e muito esforço, ela foi aprovada em nada menos que uma das melhores faculdades do país, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, para o curso de Enfermagem. Anna diz que foi emocionante, para ela e para todos no Instituto, fazer parte da história de Alessandra e sua família.

Norma Ieda Caetano, 72 anos, aquela que é como um “irmã” para trazer voluntárias ao Instituto Refazer, também faz parte dessa história. Quando se aposentou na IBM, em 1995, Norma conta que “passou ▶

um tempo tranquila”. Mas, em 2002, com a própria família já encaminhada, sentiu que já era hora de abraçar novas atividades e procurou saber se existia alguma instituição próxima de sua casa que necessitasse de ajuda. Encontrou o Refazer. Norma conhecia uma moça que trabalhava lá, então já sabia sobre os ideais do espaço.

“A energia para se dedicar ao voluntariado é um traço comum nas IBMistas que apoiam o Refazer”

Norma Ieda Caetano

“No Refazer fazemos de tudo!”, diz ela. “Como voluntárias, trabalhamos no brechó, organizamos os bingos, eventos e prestamos assistência à chamada Grife (projeto que ensina as mães das crianças a bordar, costurar, montar bijuterias e, assim, gerar sua renda)”, completa. Norma não é do tipo que escolhe atividades ou que fica muito tempo parada – daí ser uma força imensa no Refazer. “O dinheiro para promover os programas vem de alguns associados, mas muito dos eventos. Por isso, gosto bastante de ajudar. Não tenho contato direto com as famílias na maior parte do tempo, mas posso ver os resultados e, pela aproximação, notar que muita gente consegue receber suporte e reerguer a vida para tratar suas crianças”, diz Norma.

Animada, ela conta que dois grandes eventos incrementam a arrecadação: os bazares de Dia das Mães e de Natal. Expositores de fora somam forças nas vendas e a festa costuma ser bonita. “Fico muito feliz nesses momentos. Acho que herdei essa vontade de ajudar da minha mãe, que sempre trabalhou com caridade”, lembra Norma.

A vocação parece ser algo comum entre todas as ex-IBMistas que já passaram



Instituto Refazer
Rua Hans Staden, 34
Botafogo, Rio de Janeiro – RJ
Cep: 22281-060
Telefone: (21) 2527 3434
refazer@refazer.org.br

Cada uma oferece como ajuda, no Refazer, aquilo que tem de melhor – Norma com a disposição, Anna na organização, Ângela com as ideias. E, mais do que tudo, todas doam carinho e atenção a quem precisa

ou ainda estão no Instituto Refazer. Ângela Valle, 62 anos, trabalhou na IBM no setor de Recursos Humanos e Satisfação ao Cliente. Disso tudo, com certeza, ela entende. Aposentada há 15 anos, conta que ficou apenas três meses em casa. Depois, lançou-se no voluntariado. Começou (e permanece até hoje) no Instituto Benjamin Constant, também no Rio de Janeiro, trabalhando em prol da educação. Há oito anos, abraçou também o Refazer (levada pela amiga Norma Caetano).

Com a voz tão doce quanto animada, Ângela recorda que, anos atrás, não havia tantas facilidades em prestar serviços voluntários. “A internet nos auxilia muito hoje em dia,

tanto para conhecermos o trabalho quanto para oferecermos ajuda”, diz. Quando chegou ao projeto, Ângela conta que fez a tradicional passagem por alguns setores e, mesmo não sendo ótima com trabalhos manuais, envolveu-se, afinal, com os tecidos e os bordados do Refazer, dando suporte às mães das crianças carentes. “Foi ótimo, porque aprendi bastante e pude contribuir com o que sou boa: tendo e trazendo ideias de trabalhos artesanais, técnicas novas, tudo isso.”

Como uma grande amante do turismo, Ângela se vê às voltas com o Refazer onde quer que esteja. “Na Itália, descobri revistas e livros com lindas ideias de projetos manuais e

trouxe para as mães se inspirarem”, lembra. Durante as costuras, a proximidade entre as mulheres acontece – e Ângela diz curtir muito. “Elas se abrem, contam sobre suas vidas, trocamos experiências. Uma vez, uma artesã que tinha chegado a nós havia pouco tempo se espantou muito ao ver sua conta no fim do mês (o Refazer vende os trabalhos das mães que auxiliam em um quiosque no Shopping da Gávea e em outros lugares). Ela não imaginava que podia fazer dinheiro com seu trabalho, com o que aprendeu no Refazer, e ajudar tanto sua família.” Esse talvez seja o melhor resultado de todos – e uma prova concreta de que se refazer, dando e recebendo ajuda, é possível. ■

Um século de cidadania

Não é de hoje que a IBM reconhece, planeja e pratica a cidadania. Há um século, a empresa finca seus alicerces em conceitos dessa área – e descobre, a cada ano e a cada projeto criado, novas chances de tornar o mundo um lugar melhor para viver. Conheça os marcos de uma história de sucesso empresarial e social.

Horizontes mais verdes

A IBM estabelece a sua Política Corporativa de Responsabilidade Ambiental, que prevê não apenas a solução para os resíduos da própria linha de produção, mas também nos processos de seu desenvolvimento. Anos mais tarde, ela se tornou um marco regulador conhecido como “Prevenção à Poluição”.

Na liderança pela educação

Depois de lançar o programa “Reinventing Education”, a IBM utiliza tecnologias inovadoras para fazer a diferença na educação em comunidades ao redor do mundo. Uma série de programas ganham força, como o Reading Companion e o TryScience. Em 1996, a empresa também organiza e executa fóruns sobre educação com a participação de executivos, educadores e governantes. Em 1998, acontece o lançamento do programa “Reinventing Education” no Brasil, para a melhoria da educação básica no país por meio da tecnologia. Em 2002, chega por aqui também o KidSmart, solução composta de um computador com aparência de brinquedo que, com softwares interativos, promove a inclusão das crianças no meio digital em escolas.

Doação de tempo, equipamentos e capacidade ociosa

Tem início o On Demand Community, programa global que incentiva e dá suporte ao trabalho voluntário de funcionários e aposentados da empresa. Eles se cadastram pelo site do programa, reportam suas horas de trabalho voluntário mês a mês e, depois de completarem 40 horas de atividades em um período de cinco meses, a IBM pode realizar uma doação em dinheiro ou em equipamento (um servidor) para a instituição na qual foi feito o trabalho. No âmbito mundial, a empresa lança também o World Community Grid, uma doação do tempo inativo de computadores para estabelecer uma rede humanitária mundial e unir organizações científicas com demandas na área de pesquisas.

Cidades melhores planeta afora

É apresentado um dos programas mais interessantes da IBM, o “Smarter Cities Challenge”, projeto por meio do qual a empresa concede um total de US\$ 50 milhões em tecnologia e serviços para cem municípios em todo o mundo ao longo de três anos. O objetivo é auxiliar as cidades a implementar iniciativas que promovam o desenvolvimento socioeconômico.

1899

Cidadania no DNA

No final do século XIX, a Computing Scale Company, uma das três companhias que mais tarde iriam formar a IBM, contrata seu primeiro funcionário negro. Já haviam se passado 36 anos desde que Abraham Lincoln, presidente dos EUA, havia proibido a escravidão no país. Mesmo assim, empregar negros ainda não era comum no mundo corporativo. A IBM foi além e, um ano depois, também colocou em seu quadro de funcionários três mulheres (20 anos antes de as mulheres terem sequer direito ao voto nos EUA).

1914

Espaço para todos

Este é o ano em que a IBM registra seu primeiro funcionário com deficiência. Faltavam 59 anos para os Estados Unidos aprovarem a chamada Lei de Reabilitação, de 1973, e 76 anos para o Americans with Disabilities Act, a política que regulamentou a contratação de pessoas com dificuldade de locomoção. Em 1941, a IBM traz também o Dr. Michael Supa, psicólogo com deficiência visual, para auxiliar no processo de contratação de 181 pessoas deficientes ao longo de dois anos.

1971

Um olhar para o berço do mundo

A ideia tem início com o nome de “IBM South Africa Projects Fund”, porém, mais tarde, o projeto se expande e é renomeado como Fundação Internacional IBM – uma instituição com o objetivo de apoiar a educação, a alfabetização e o desenvolvimento econômico na África do Sul.

1985

1996

Cidadania em rede

O programa “e-voluntários” aposta na solidariedade e talento dos IBMistas brasileiros para transformar a realidade. A iniciativa foi pioneira no Brasil, pois integrava a tecnologia à prática do voluntariado. O ambiente da internet foi utilizado para o desenvolvimento da atividade, uma alternativa criativa que permitiu ao funcionário da IBM, mesmo à distância, contribuir para a melhoria da qualidade de vida de sua comunidade.

2001

2004

Um time mundial

A IBM lança o “Corporate Service Corps”, programa de desenvolvimento de liderança que aloca equipes de funcionários para ajudar a resolver problemas em países em desenvolvimento. Desde sua criação, ele enviou IBMistas para mais de vinte países, incluindo Brasil, China, Egito, Filipinas e outros. As equipes têm a missão de compartilhar conhecimentos e modelos de gestão com organizações selecionadas – e, imersas na multiculturalidade, são estimuladas a desenvolverem novas capacidades e habilidades, como escutar melhor o cliente, criar uma proposta de valor e trabalhar em colaboração.

2008

2010

Em vez de festa, mais cidadania no aniversário

Em comemoração ao centenário da IBM, acontece o Celebration of Service, uma série de iniciativas voltadas para o bem-estar e o avanço social. IBMistas ativos e aposentados, seus familiares, a comunidade local e alguns parceiros da empresa uniram-se para doar pelo menos oito horas a atividades presenciais ou virtuais durante o ano, em projetos sociais realizados em conjunto com diversas instituições sem fins lucrativos. Para apoiar as ações, a IBM doou 12 milhões de dólares para instituições que receberam trabalhos voluntários de IBMistas.

2011

Top 5



Centro Infantil Boldrini

www.boldrini.org.br

Éis um local que está sempre de braços abertos a quem quiser ajudar (seja com doações, seja com trabalho). O Centro Infantil Boldrini é um hospital filantrópico especializado em oncologia e hematologia pediátrica localizado em Campinas (SP). Sem fins lucrativos, a instituição não faz uma lista de espera: todos os pacientes, a maioria vinda do Sistema Único de Saúde, recebem tratamento. Para os voluntários, o Boldrini possui diversas áreas de atuação, como acompanhamento escolar, recreação, terapias de suporte. O voluntário, que passa por uma formação, pode escolher uma área preferida para atuar – sendo o tempo de trabalho de ao menos quatro horas contínuas (em um mesmo dia) a cada semana.

5x cidadania

Conheça projetos que merecem a sua atenção – e podem ser boas dicas para quem quer ajudar e não sabe por onde começar

Casa da Criança

www.projetocasadacrianca.com.br

Desde seu início em Recife (PE), com o nome Casa de Carolina, o foco deste projeto é melhorar fisicamente locais que cuidam de crianças das mais variadas formas. Hoje espalhado por 17 estados brasileiros, o Casa da Criança tem o apoio de 3 mil arquitetos e decoradores, 1.500 construtoras e 30 mil outras empresas – todos dispostos a encontrar soluções estruturais para diversas entidades que atendam os pequeninos e deem suporte a eles.



Imagens de divulgação



No aplicativo da Pense, conheça o site voluntariosonline.org.br, que cataloga ONGs de todo o país.

Rede Cidadã

www.redecidada.org.br

O que a Rede Cidadã faz é aproximar o voluntariado de pessoas e entidades dispostas a colaborar. Atualmente cuidando de diversos projetos em Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Maranhão e Distrito Federal, o projeto cria redes, unindo quem necessita de auxílio (pessoas que precisam de emprego, de um mentor ou de ajuda para abrir um negócio, por exemplo) a profissionais e empresas dispostas a doar tempo e a financiar as ideias.



Parceiros Voluntários

www.parceirosvoluntarios.org.br

A ONG sem fins lucrativos, criada no Rio Grande do Sul em 1997, também levanta a bandeira do voluntariado no Brasil inteiro. Gente de toda parte pode se dispor a ajudar como pessoa física ou jurídica. A entidade já encaminhou mais de 390 mil pessoas para o trabalho voluntário – os interessados participam inicialmente de uma palestra de orientação e, depois, fazem entrevistas para identificar como cada um pode colaborar. A partir daí, a Parceiros Voluntários encaminha-os para comunidades ou outras entidades que precisam de ajuda – locais os mais variados, que podem receber voluntários para ler para deficientes visuais, ajudar na construção de casas ou ensinar costura a mulheres carentes.



Fundação Lemman

www.fundacaolemman.org.br

A ideia da fundação criada pelo empresário Jorge Paulo Lemmann é usar a educação como principal ferramenta para alavancar o Brasil. Todas as iniciativas do projeto desenvolvem atividades como repensar as salas de aulas, os métodos de ensino e formar líderes nesse ramo. Um dos programas da Fundação Lemmann, por exemplo, é a versão em português da organização educacional Khan Academy, que prepara videoaulas em disciplinas como Biologia, Aritmética e Química, e já foi levada a algumas escolas públicas de São Paulo. A Fundação requisita voluntários conforme a necessidade de cada projeto, como professores ou tradutores de diversos idiomas.



TODOS CONECTADOS NA EFICIÊNCIA DA SOCIEDADE

IBMistas apresentam seus aplicativos favoritos para se envolver mais nos problemas comunitários – e ajudar a melhorar a qualidade de vida nos centros urbanos

Imagens de divulgação

Rota Acessível

www.rotaacessivel.com

Dica da IBMista Eliane Ranieri

Esse é um excelente exemplo de como a tecnologia pode ajudar, via aplicativos, a incentivar a cidadania, melhorando o deslocamento e trazendo mais liberdade e independência a pessoas com dificuldades de locomoção. A Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e a IBM selaram parceria para realizar um levantamento da acessibilidade das ruas brasileiras – o que resultou no aplicativo colaborativo Rota Acessível, que permite a participação da população no mapeamento das ruas. Disponível na App Store e no Google Play, a ferramenta gratuita possui diversos itens possíveis de cadastro, como localizar vagas especiais, informar as condições das calçadas e a presença de guias rebaixadas, iluminação adequada, semáforo de pedestres, sinalizadores táteis etc. A solução, desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisas da IBM Brasil, permite a localização automática do usuário no momento em que ele acessa o dispositivo. Após selecionar o tópico desejado, basta adicionar uma foto para que se possa visualizar a informação, comprovando os dados. O desenvolvimento do *app* usou tecnologias de mobilidade, análise de dados e colaboração para disponibilizar inteligência e informação às cidades e à sociedade. “Esse aplicativo cria também um banco de dados útil para instituições que auxiliam pessoas com deficiência”, diz Eliane Ranieri, líder de Diversidade para a América Latina na IBM e também cadeirante. “É um maravilhoso exemplo de cidadania, que reforça nossa posição como empresa inclusiva e nosso papel de transformação para um mundo melhor”, completa.



Colab.re

www.colab.re

Dica da IBMista Francilane Rego

Criado por profissionais pernambucanos, o aplicativo Colab (para Android ou iOS) tem como principal proposta servir como uma “ponte” entre cidadãos e o poder público. Ele funciona como uma rede social e permite que as pessoas reportem os problemas que encontram pelas cidades em que vivem. O *app* também permite propor soluções e novos projetos para as cidades, além de avaliar serviços públicos, como hospitais e escolas.

Cidade Legal

www.cidadelegal.com

Dica do IBMista Anderson David de Souza

Funciona em português, mas é uma “ideia internacional” – veio do Smart City, aplicativo que é disponibilizado em diversos lugares do mundo. Funciona assim: depois de baixar o *app*, ao encontrar um “incidente”, como eles chamam, pela cidade, basta abrir a ferramenta, localizar-se no mapa, escolher o tipo de problema encontrado (lixo espalhado, buracos na rua, vazamento de água etc.), tirar uma foto e enviar. Dá, inclusive, para compartilhar nas redes sociais o incidente encontrado. Já está disponível em 47 países e em mais de 600 cidades brasileiras.

Cidadera

www.cidadera.com

Dica do IBMista

Thales Cianciulli Barbosa dos Santos

Assim como os outros, este aplicativo (que também funciona via website) permite que o usuário abra um ticket de reclamação sobre algum serviço ou bem público – alagamentos, falta de iluminação ou faixa de pedestres e assim por diante. O objetivo é dar visibilidade e um retorno à população sobre os diversos problemas existentes, também para mostrar que ela não está sozinha quando reclama seus direitos. Mas o bacana do Cidadera é que existe uma ONG colaborando para protocolar as reclamações nas prefeituras (mais de 20 grandes cidades brasileiras já estão incluídas no *app*; outras devem chegar), o que deve agilizar os procedimentos.

1746

www.1746.rio.gov.br

Dica da IBMista

Andrea Azevedo da Cunha

Praticar cidadania é estar sempre preocupado em melhorar a cidade e o país, além de deixar de lado aquela máxima antiga do “isso não me diz respeito”. Para seguir nessa trilha da otimização, o portal da prefeitura do Rio de Janeiro abriu um espaço em que se pode baixar gratuitamente o aplicativo do 1746 (o serviço de atendimento ao cidadão) no celular e fazer pedidos de consertos de todo tipo, denunciar focos de dengue, lixo acumulado, entre outras questões. Funciona para a maioria dos casos, mas, para alguns deles, é preciso também telefonar e direcionar a observação à ouvidoria da cidade.

Um mundo feito de praças

Veja mais sobre o projeto Boa Praça na versão da Pense para tablet



Tudo começou quando a minha filha, Alice, me pediu para comemorarmos seu aniversário de 4 anos em uma praça próxima de casa. Tentei, a princípio, explicar para ela que seria complicado, pois a praça estava totalmente deteriorada, com muito mato e brinquedos quebrados. Depois da minha explicação, a Alice docemente me disse: “A gente conserta, mamãe”.

Acabei vendo no pedido dela uma oportunidade de, além de fazer um bem à comunidade, tirar um pouco minha filha deste capitalismo exagerado em que se vive hoje, dando a ela um presente mais valioso: um lugar bem cuidado para compartilhar com os amigos.

Perguntei à Alice se ela aceitaria trocar todos os presentes que ganharia no aniversário por uma praça linda para o dia da festa. Ela concordou sem pestanejar e, a partir daí, começamos uma jornada em busca de apoio. Consegui ajuda da subprefeitura de Pinheiros, onde moramos, para refazer o paisagismo e os brinquedos do parquinho – e, então, procurei ajuda de comerciantes, amigos e moradores do entorno e encontrei todo o tipo de suporte para a revitalização.

Foi uma experiência incrível! Para que encontrássemos uma forma de manutenção do local, depois de algumas reuniões, decidimos fazer piqueniques comunitários todo último domingo do mês e criar o Movimento Boa Praça, para mobilizar de fato a região.

Vivenciar tudo isso nos abriu os olhos para outras questões – e nos fez entender que uma praça é central para a existência de uma comunidade. Se não temos pessoas que queiram usá-la, ou mesmo que queiram ser uma real comunidade, não conseguiremos ir muito longe.

Tanto a vivência que a Alice teve nesse processo quanto a consciência que tem hoje da importância disso tudo deram a ela muita confiança e a certeza de que alguns caminhos propostos pela sociedade do consumo não são os melhores. Esse é o exercício de cidadania que tanto ela como eu vivemos juntas.

Na minha opinião, mais ainda do que a consciência, vale a experiência. Mais do que falar às crianças sobre o consumo, vale levá-las a uma feira de trocas de brinquedos, por exemplo. Mais do que falar sobre generosidade, vale colocá-las em contato com os que precisam de ajuda. Mais do que falarmos de praças, vale levar os pequenos para vivenciar esses espaços, conviver com pessoas diferentes e decidir, por eles mesmos, os caminhos que gostariam de seguir.

Acho que a cidade ideal é uma cidade sustentável, saudável e solidária, em que o exercício da cidadania ativa e valores e princípios do interesse público, da justiça social, da dignidade e da qualidade de vida para todos que estejam realmente presentes. Fica o convite de uma cidadã: que tal vivermos uma vida diferente, mais aberta e humana? Podemos começar construindo menos muros e mais pontes, menos prédios e mais praças, menos solidão e mais conexão. É possível, basta querermos de verdade. **P**



Colaborou: Cecília Lotufo

Paulistana, é mãe de Alice e Antônio e fundadora do Movimento Boa Praça.

Para saber mais: boapraca.wordpress.com.

Na Próxima Edição



Conexão total

A vida de todos nós mudou drasticamente nos últimos 20 anos, com a tecnologia e a internet invadindo o nosso cotidiano pessoal e profissional. Facilitou processos, encurtou distâncias e abriu um mundo de possibilidades na tela do computador e até de um pequeno celular. Na próxima edição, a Pense vai falar sobre essa mudança, a transformação que ela trouxe para as relações sociais e para o mundo dos negócios, e como isso modificou nossas formas de trabalhar, pensar, decidir e comprar.



Enquanto isso...



A sua revista Pense já chegou ao fim, mas a discussão continua nas redes sociais e você é nosso convidado. Acesse a comunidade da revista no Connections para compartilhar sua opinião com outros IBMistas pelo link bit.ly/ibmpense ou siga o nosso blog: revistapense.wordpress.com.

Sua empresa está pronta para abrir um novo negócio?



As inovações com base na nuvem estão criando um trilhão de dólares em oportunidades de mercado. E quem não aderir terá muito a perder. Empresas mais inteligentes estão usando a nuvem para explorar modelos de negócios totalmente novos. Com mais liberdade para testar, empresas que utilizam IBM SmartCloud em seus negócios estão conseguindo implementar novas ideias em semanas, em vez de meses.

Essa é a nuvem em um Planeta mais Inteligente.



ibm.com/launch/br

IBM, o logo IBM, ibm.com, Smarter Planet e o design do globo são marcas registradas e de titularidade da International Business Machines Corporation em diversos países em todo o mundo. Outros nomes de produtos e serviços podem ser marcas registradas da IBM ou de terceiros. Uma lista atualizada das marcas registradas e de titularidade da IBM está disponível na internet, em www.ibm.com/legal/copytrade.shtml. ©International Business Machines Corporation 2013.